

VIOLÊNCIA CONJUGAL E CIÚME NUMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA A PARTIR DE ‘OTELO – O MOURO DE VENEZA’

Camila de Freitas Moraes¹

Roseane Torres de Madeiro²

RESUMO

Pretende-se, no presente estudo, analisar as questões que permeiam a violência conjugal, a partir da obra shakespeariana, em especial, no que tange à temática dos ciúmes de Otelo por sua esposa Desdêmona, e sua interface com a obra freudiana. É a partir desse prisma que se busca conceituar a violência conjugal em articulação com os conceitos psicanalíticos, para que, então, se possa investigar os aspectos subjetivos que se entrelaçam na relação amorosa em que a mulher é agredida por seu companheiro em função de um afeto como o ciúme. Ao fim, nota-se que Otelo passa a crer na suposta infidelidade de sua esposa. Seu ciúme consome-lhe a sanidade, fazendo-o construir um processo delirante que o leva a matar seu objeto de amor.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Literatura. Ciúme. Violência Conjugal. Mulher.

¹ Psicóloga Clínica e Especializanda em Saúde Mental. Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG. Dr. Henrique Fracasso, 1169, Nossa Senhora de Fátima, 95043-220, Caxias do Sul, RS. (54) 9 9700-9233. camilapsi.moraes@yahoo.com.br.

² Psicanalista. Psicóloga. Doutoranda em Psicologia e Graduanda em Filosofia pela UFPA. BR 316, 5010, Águas Lindas, 67020000, Ananindeua, PA. (91) 9 9192-2023, rose_madeiro@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, os atos de violência já são descritos a exemplo de Totem e Tabu (1912-1913), quando Freud inaugura seu pensamento de que o ato fundador da sociedade humana foi o assassinato do pai da horda, pelos próprios filhos. Sendo esse o prelúdio não só da fundação da cultura, mas, assim como, o da própria violência.

Nesse contexto, Freud aponta que a hostilidade, o ódio e os ciúmes são inerentes à condição humana e a forma ruidosa que o sujeito encontra para se salvar na cultura. Somente em 1930 no texto "O mal-estar na cultura", é que Freud vai além, ao expor que todo ser humano traz consigo um desejo de felicidade plena, buscando de todo modo a excluir tudo aquilo que lhe traga sofrimento. Nesse momento, Freud chama atenção para o mal-estar que se encontra em toda a civilização e que se dá pelo sentimento de desamparo, já que esse afeto faz com que o sujeito vá sempre em busca de algo ou alguém que o complete, que o satisfaça, a fim de tamponar essa angústia sentida pelo desamparo da proteção paterna. Isto é, a questão do desamparo associa-se à necessidade da proteção paterna, presentificada na mais tenra infância e revivida no adulto.

Tomemos como a exemplo, o desamparo pela perda do pai da horda em Totem e Tabu (1912-1913). Aqui se entende por Tabu tudo aquilo que toca ao místico, ao enigmático e, portanto, ao proibido; já o Totem pode ser compreendido como um escondedouro, uma proteção que haveria de evitar que o tabu viesse a ser quebrado. Somente a partir desse ponto, é que se pode supor que o sentimento de desamparo seja um dos aspectos que faz com que o sujeito consiga se entrelaçar frente às demandas da cultura. (FREUD, 1930)

Prestando grande contribuição, Lebrun (2004, p.313), ainda afirma que: "A psicanálise revela que o fundo do desejo de cada um é incestuoso e assassino, mas, que a humanização impõe a renúncia a esses gozos ilícitos". Ou seja, é preciso renunciar os desejos incestuosos e hostis para se viver em coletividade, caso contrário, estaríamos fadados à inumanidade.

Diante disso, nota-se de maneira geral, a violência ainda está no cerne da sociedade enquanto comportamento intimidatório, agressivo, hostil, opressor, entre outros, em especial, a violência que se presentifica nas relações conjugais e/ou violência doméstica. Para Alves (2010), todos os comportamentos dentro de uma

relação íntima que cause sofrimento psíquico, dano patrimonial, dano moral, agressões físicas, coação sexual ou quaisquer outras formas de abuso que restrinjam o sujeito aos seus direitos de liberdade e integridade pode ser entendido como violência doméstica.

Ainda comunicando sobre a temática, Cheron e Severo (2010) afirmam que as diferenças entre os sexos, que confere ao homem o poder e a força física; enquanto, a mulher a fragilidade, a docilidade e a submissão; são noções que desde muito cedo são apreendidas em nosso seio social e que fertilizam o imaginário daqueles que encontram o ciúme como recurso simbólico de se manter numa relação.

Logo, é frequente um enredamento de valores socioculturais que marcam e reafirmam constantemente o papel da mulher na sociedade, tornando-as, muitas vezes, vulneráveis às mais variadas agressões como expõem os autores.

A violência constitui um componente fundamental do adestramento das mulheres à ordem social patriarcal. A garantia de sobrevivência e de manutenção da família tem na obediência dos filhos e na submissão e dependência das mulheres a metodologia operativa da dominação patriarcal, terreno fértil para a ocorrência de abusos. (Rede Nacional Feminista de Saúde, 2005, CHERON e SEVERO, 2010, p.2).

O que em nada difere na obra de Shakespeare³, ao trazer à tona as características de Otelo e Desdêmona. O primeiro é caracterizado como viril, forte e rudimentar, enquanto Desdêmona é descrita como frágil, doce e delicada. É a partir desses desdobramentos e tendo como anteparo o saber psicanalítico é que se pretende dialogar entre a obra de Shakespeare, perpassando pelos ciúmes de Otelo à tragédia que culmina na morte de Desdêmona. Nota-se o quão frutífero pode ser a interface entre a Psicanálise e a Literatura, visto que na obra freudiana tem sua travessia nos textos de Homero, Fiódor Dostoiévski, Goethe, Shakespeare, entre outros. Cabe destacar que a descoberta da tragédia grega de Sófocles, a grande influência de Freud na criação do Complexo de Édipo, a saber, é um dos conceitos fundamentais da teoria psicanalítica.

Freitas (2001, p. 33) corrobora que o cerne da psicanálise encontra-se atravessado pela literatura quando afirma: “Ele aproveitava as falas dos personagens

³ Considera-se seu nascimento no dia 23 de abril de 1564, em Stratford-upon-Avon, embora não haja registros dessa data e sua morte no dia 23 de abril de 1616. Suas produções mais célebres e consagradas foram geradas entre 1590 e 1613. Dentre suas obras, destaca-se: “Romeu e Julieta”, “Rei Lear”, “Macbeth”, “O Mercador de Veneza”, “Sonho de uma Noite de Verão”, “A Megera Domada”, “Otelo, o Mouro de Veneza”. <https://www.infoescola.com/biografias/william-shakespeare/> Acesso em: 03 fev.2017

para exemplificar suas ideias, porque já havia percebido que todo grande escritor, em suas obras, fazia de seu personagem um porta-voz do desejo inconsciente.”

Assim, nesse trabalho de pesquisa a proposta metodológica é análise bibliográfica. Por ser uma pesquisa teórica com base psicanalítica, tem por objetivo submeter a uma análise conceitual sobre as questões da violência e do ciúme. Também se propõe a uma reconstrução dos conceitos freudianos e de seus comentadores, visto que eles se relacionam formando uma tessitura sobre tal concepção; já os conceitos tornam-se subsídios para sustentar a hipótese levantada nesse estudo. (COUTO, 2010)

ANÁLISE DA OBRA

A história ocorre por volta de 1622, ano de sua publicação. Shakespeare se serve de Otelo, o general do exército de Veneza, para trabalhar questões como o ciúme e a inveja.

É na obra shakespeariana que se busca compreender acerca da história de Otelo e Desdêmona que tem como pano de fundo o drama passional na qual a cólera, a traição, o sentimento de posse e o ciúme fazem-se presentes na relação amorosa. Portanto, são esses os afetos que também se presentificam na violência conjugal. Nesse ínterim que a Psicanálise e a Literatura se assemelham, pois ambas trazem o discurso do sujeito do inconsciente, o poeta o faz sem saber, porquanto o psicanalista utiliza-se de tais discursos, como disse Lacan (1959-1960, p. 25): “à dignidade do indizível”, isto é, naquilo que emerge a partir dos ditos e não ditos do sujeito em processo analítico. É nesse processo que faz com que analista, pela via da repetição, possa escutá-lo, de sobremaneira, fazendo com que o sujeito consiga elaborar os traumas e ressignifique novos sentidos as suas angústias. (LACAN, 1959-1960; 1992)

Nesse contexto, tendo por fundamento a obra freudiana e as interpretações psicanalíticas, é que se busca apreender - por meio dos personagens shakespearianos, em especial, Otelo e Desdêmona - aquilo que Freud já supunha quando escreveu “Escritores criativos e devaneio” (1908 -1907), que nas obras literárias há uma abertura para se ter acesso aos desejos inconscientes, como relata: “muito provável que os mitos, por exemplo, sejam vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, os sonhos seculares da humanidade jovem (FREUD, 1908-1907, p.7).

OTELO – ‘O MOURO DE VENEZA’

Na obra de Shakespeare, Otelo é general do exército de Veneza, sendo este detentor de uma aparência rudimentar, porém com atitudes nobres e bastante estimado pelo Estado. Este, por sua vez, se apaixona por Desdêmona, possuidora de uma beleza descomunal, delicada, leal, abastada e filha de Brabâncio, o então, senador de Veneza. A trama se dá a partir da não aceitação do alferes Iago, que pela via da inveja e do ciúme busca se vingar de Otelo, por não ter sido convocado para o cargo hierárquico de tenente. Ficando a ocupar-se de tal cargo Micael Cássio, um jovem soldado sem experiência e que até então, nunca houvera comandado algum soldado, e que a posteriori, viria a ser o tenente de confiança de Otelo. (SHAKESPEARE, 1622)

Alferes Iago, ávido de ódio, de ciúme e de inveja vai à casa de Brabâncio e comunica-o sobre o romance entre sua filha Desdêmona e Otelo; este ao perceber que a filha havia fugido com o general, vai em busca de matá-lo com a alegação de que Otelo havia seduzido Desdêmona por meio de feitiçaria. Como o general Otelo possuía bastante prestígio e estima do Estado, ao se encontrar com Brabâncio, em defesa própria, afirma: “[...] - Ela me amou à vista dos perigos que passei, e muito amor lhe tive, por ter revelado compassiva. Foi essa toda a minha bruxaria.” (SHAKESPEARE, 1622, p.31) Ou seja, a partir dessa fala de Otelo, pode-se inferir que na íntegra este não crê que Desdêmona o ame, mas apenas tenha se enamorado por suas conquistas na guerra, parece haver nos ditos de Otelo a certeza inconsciente da traição iminente, pois aparenta ser indigno de ser amado por sua esposa.

Para confirmar tal suposição Arreguy, Garcia (2002) et al Racamier (1968) expõem que há no sujeito ciumento uma inclinação a passividade diante do outro, que gera uma perda ou uma baixa estima de si. Isto é, no ciúme melancólico o sujeito sempre se vê indigno de ser amado e talvez por isso, haja um excesso de desconfiança e a constatação da fantasia de traição, como nos ditos do autor:

Então, no ciúme melancólico estão em jogo dois processos psíquicos que resultam no intenso desinvestimento do eu, mascarado por um autocentrismo exagerado, e na ausência de autoconfiança: uma identificação com o rival, e uma perda da capacidade de amar. É assim que nesse tipo de ciúme, embora também exista, como no delirante, a possibilidade de fantasiar imaginariamente a traição, não há uma busca ativa por “solucionar esse problema”, já que o objeto é dado inequivocamente como perdido. Fato ou imaginação, a infidelidade do companheiro amoroso é “aceita” e vivida como um sofrimento passivo pelo ciumento depressivo, pois ao contrário de tentar recuperar aquilo que crê ter perdido, ele, numa espécie de autodestruição indireta, atrai seu infortúnio (ARREGUY; GARCIA, 2002 et al, p. 7, RACAMIER, 1968).

É como se, para o ciumento fosse insuportável a possibilidade de um terceiro nessa relação, sentindo-se excluído em detrimento do amor de outra pessoa e remetendo-se a uma reatualização do Complexo de Édipo, uma vez que este se vê traído por sua mãe em detrimento de escolher seu pai como objeto de amor. (ARREGUY; GARCIA, 2002)

Ainda sobre a fala de Otelo, pode-se perceber que este também não se deixa enamorar por Desdêmona, mas por sua comiseração sentida por suas histórias de guerra. Isso pode ser evidenciado quando Otelo profere: “[...] e muito amor lhe tive, por ter revelado compassiva [...]” (SHAKESPEARE, 1622, p. 31). Nota-se, nesse momento, que há algo da constituição narcísica em voga, pois é preciso que Otelo seja reafirmado não só pelo Estado de Veneza, como alguém de prestígio e de poderio militar, mas sobretudo esse precisa ser deificado por sua esposa. Pode-se conjecturar que Otelo ama aquilo que lhe é faltoso, pois apresenta manter para com Desdêmona uma relação de escolha objetual narcísica. Em outras palavras, Freud ao retratar o narcisismo define-o como enamoramento do sujeito por si mesmo, tendo como ideal o seu próprio ego que aspira reencontrar no amor materno a onipotência infantil, escolhendo assim um parceiro que viesse a se assemelhar ao seu próprio ego. (FREUD, 1914)

No que se segue, Otelo é enviado para Chipre a fim de conduzir o exército de Veneza a uma guerra contra os turcos e Desdêmona o acompanha, porém eles partem em embarcações separadas e devido a uma tormenta a embarcação de Desdêmona chega antes a Chipre. Ao chegar à ilha, vendo que seu plano havia falhado, o alferes Iago ainda mais vingativo e com intuito de arruinar Otelo, insinua que Desdêmona estava a trair o esposo com Micael Cássio, o então tenente de confiança de Otelo. Micael Cássio era possuidor tanto de beleza, quanto de eloquência, despertando nas mulheres da época, grandes paixões. Por esses

motivos, Otelo se deixa encolerizar e a passa a ter ciúmes de sua amada. (SHAKESPEARE, 1622)

Continuamente, alferes Iago permanece a insinuar sobre a infidelidade de Desdêmona e as rumações ciumentas se intensificam. É quando Otelo encontra nos aposentos de Micael Cássio, o lenço de sua esposa, que por sinal fora o primeiro presente de Otelo dado a Desdêmona. Como o lenço é uma simbologia para Otelo - havia herdado de sua mãe - acreditava que ele era mítico, e enquanto Desdêmona o tivesse sob sua posse, nada de mal lhes aconteceriam, pois o amor entre eles estaria protegido. (SHAKESPEARE, 1622)

Contudo, o alferes Iago sabendo da origem da história do lenço, coloca-o nos aposentos de Micael Cássio e mais uma vez insinua acerca da infidelidade de Desdêmona. É nesse momento que Otelo questiona a esposa sobre o lenço que lhe presenteara e Desdêmona, por sua vez, não sabe explicar a perda (SHAKESPEARE, 1622). Nesse fragmento é pertinente dizer que a simbologia do lenço pode ser pensada a partir da metáfora do objeto perdido, por assim dizer, a própria Castração, como a perda fundamental do sujeito, quando a criança se sente incompleta diante daquilo que acreditara, ou seja, a completude ante a figura materna. (FREUD, 1924; 2011)

Freud (1937-1939), em seu texto “Um exemplo de trabalho psicanalítico”, afirma que nos primeiros cuidados do corpo do infante, a mãe se torna seu primeiro objeto de amor pela via da sedução e é essa relação dual (mãe e bebê) ao que servirá de modelo para as demais relações na vida adulta do sujeito, como explica Soares, 2007 apud Lachaud, 2001:

O objeto primeiro para a criança é um objeto de necessidade. Progressivamente, ele se torna, com a ajuda da mãe, um objeto de desejo que a criança vai poder, progressivamente também, transferir para outro objeto. No ciúme patológico, o objeto permanece no registro da necessidade e sua ausência não garante mais a autoconservação. [...] O estatuto do objeto, que é função do momento traumático ligado à fixação do pequeno, é primordial quanto à forma que tomará a expressão do ciúme. (SOARES, 2007, apud LACHAUD, 2001, p.40)

Logo são os resquícios dessa fixação erótica do infante para com a mãe que comumente subsistem pela via da sujeição excedente por ela, persistindo como uma forma de servidão às quaisquer outras figuras femininas. Isto é, o infante não pode desposar a mãe, mas também não pode correr o risco de vir a ser odiado por seu pai. No entanto, este se vê na iminência de ser traído por sua mãe e entregue ao pai para

os fins de castração, uma vez que é o medo da perda real do pênis que está em volta nessa relação entre pai e filho. Visto que, se por um lado ele deseja se enamorar pela mãe, por outro, se vê amedrontado diante da castração.

Por conseguinte, Otelo vai até os aposentos de Micael Cássio e se esconde para escutar uma conversa entre Cássio e Bianca, a saber, Bianca era enamorada de Cássio. Nesse momento, Otelo ouve quando Bianca, enciumada, fala sobre o lenço que encontrara no quarto de Micael Cássio. E isso é que o faz ter certeza das traições de Desdêmona. Convencido da infidelidade da esposa, mata-a asfixiada. (SHAKESPEARE, 1622)

Após, ceifar a vida de sua amada, este descobre pela esposa de Iago, que Desdêmona nunca lhe fora infiel, que tudo não passara de um plano de Iago a fim de se vingar, por ter tido Otelo, nomeado tenente, Micael Cássio. Otelo, movido por sua culpa, apunhala-se, caindo sobre o corpo de sua amada. (SHAKESPEARE, 1622)

Nesse trecho final pode-se inferir o discurso de que o ciúme é sinônimo de amor e ele foi introjetado no sujeito desde a mais tênue infância e (re)afirmado culturalmente na sociedade. O que, por conseguinte, traz para aquele que experiencia tal sentimento uma carga excessiva de sofrimentos, entre eles, o psíquico. Este, por sua vez, diante de uma ameaça de perda real ou imaginária de alguém tão valorizado, é induzido a praticar as mais variadas condutas agressivas. Cavalcante (1997, p. 24) sentencia:

Essa insegurança que o ciúme gera teria por base os processos de idealização. O amoroso criaria uma imagem do amado, nem sempre fundamentada no real. Se começa a não existir uma correspondência dessa idealização, a desconfiança e o ciúme se instalam. (CAVALCANTE, 1997, p.24)

Busca-se nesse momento ter o apoio da literatura para expor sobre a dinâmica do ciúme presente no caso em tela e para isso, primeiramente, é preciso se conceituar acerca da violência conjugal. Para Alves (2010), é a violência que se apresenta pela via das agressões físicas, psicológicas e/ou patrimoniais entre os conjugues no âmbito doméstico, tendo suas motivações mais comuns o ciúme, o desprezo e a perda do controle sobre o 'objeto amado' – no caso, a mulher.

Chauí (2003, p.42) ratifica ao expor que:

A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humano, e sim como coisa.

VIOLÊNCIA: UM BREVE COMENTÁRIO

O ponto nodal desse comentário se faz importante devido ao esclarecimento do termo violência, ao qual tem sido pouco discutido no âmbito psicanalítico, sendo por vezes, utilizado por Freud (1919) como sintoma que reduz o sujeito ao gozo⁴. Em 'Bate-se numa criança', Freud (1919) supõe que haja nas relações sadomasoquistas, presentes em homens e mulheres, uma fantasia na qual o sujeito se expresse de modo erótico, quando o gozo e a satisfação sexual se apresentam por intermédio da violência psíquica ou física.

Nesse sentido, percebe-se que o conceito de violência no pensamento psicanalítico ainda é impreciso. No mais, a violência, enquanto conceito, tem sido difundida por autores da Psicologia Jurídica, como a ação de violentar e causar danos físicos, morais, psicológicos e patrimoniais através da força ou da coação de modo a invadir liberdade e integridade de outrem. (AMORETTI, 1992)

VIOLÊNCIA CONJUGAL E O CIÚME: UMA VISÃO PSICANALÍTICA

Tomando como referência Otelo, percebe-se que o laço amoroso com Desdêmona, assim como aquele presente em outras relações conjugais e/ou relações amorosas abusivas são cercados de sentimentos que eclodem excessivamente pela via do domínio do objeto amado. É como se houvesse sempre um terceiro elemento, um rival, ao qual é ameaçador. E para não se perder o objeto de amor, comumente o enciumado tende a se sentir inseguro, hostil, angustiado e intolerante, o que, por conseguinte, tende a interferir na dinâmica da relação conjugal. (LEVY; GOMES, 2011)

A obra freudiana ensina que todos os sujeitos estão propensos ao ciúme, justamente, por este ser inerente à condição humana tal qual os estados emocionais do luto. Porém, alerta sobre o ciúme excessivo e/ou patológico que pode vir a propulsar num ato de violência e sobre esse último Freud afirma que os ciúmes anormais se constituem de três modos: competitivo ou normal; projetado e delirante (FREUD, 1922).

E para tanto, Freud expõe que o ciúme tem sua origem inconsciente, presente nas primeiras manifestações emocionais do infante, oriundos do Complexo de Édipo.

⁴ É relativo a uma tensão, seja ela prazerosa, no caso da excitação sexual, seja ela desprazerosa, sendo o caso do gozo associado à pulsão de morte que se encontra nos sintomas. O gozo tem a ver com a repetição, com o excesso e conseqüentemente com as pulsões (NICOLAU, 2001, p.84).

Essas atitudes são comumente revividas todas as vezes em que o sujeito se vê diante da perda, desamparo ou do abandono, uma vez que ambos os sexos (homens e mulheres) presumem sempre haver um dado alguém que seja mais certo, bem-sucedido ou mais satisfatório para seu parceiro, sendo este um ciúme normal, constituído fundamentalmente do luto e da hostilidade para com o rival na relação amorosa. Já o ciúme projetado é o desejo de trair o objeto de amor, mas que fora transferido para o outro, como confirma o autor:

Certamente eles o fazem, mas não projetam no vazio, ali onde não se acha nada semelhante; são guiados por seu conhecimento do inconsciente, isto sim, e deslocam para o inconsciente do outro a atenção que desviam do seu próprio inconsciente (FREUD, 1920-1923).

E por último, o ciúme delirante, no qual o objeto de amor torna-se perseguido, odiado. Percebe-se que aqui, o amor fora substituído por seu oposto, a cólera. Sendo sobre este que o texto tratará em seguida. (DUNKER, 1996)

CIÚME DELIRANTE

O ciúme delirante tem sua gênese no recalçamento dos impulsos acerca da infidelidade, tendo como objeto o sujeito do mesmo sexo. Isto é, o ciúme delirante é aquilo que fica de fora da homossexualidade, portanto, o enciumado inconscientemente toma o rival no conflito amoroso tanto quanto objeto de hostilidade e ódio, porquanto, de amor e desejo. Portanto, sobre isso, é crucial explicar o dito por Mallmann, 2015 apud Freud, [1922] 1976, p. 273): o homem se defende do impulso homossexual com esta fórmula: “Eu não o amo, é ela que o ama! - aqui pode se supor que a suspeita de infidelidade da parceira, por parte do enciumado nada mais é, a maneira que ele busca de escapar de seus próprios desejos homossexuais, projetando para a parceira o interesse desta por outro homem. (MALLMANN, 2015 apud FREUD, [1922] 1976)

Tomando como referência Otelo, percebe-se que o laço amoroso com Desdêmona, assim como aquele presente em outras relações conjugais, em que se nota o ciúme, são cercados de sentimentos que eclodem excessivamente pela via do domínio do objeto amado; é como se houvesse sempre um terceiro elemento, um rival, ao qual é ameaçador. E para não se perder o objeto de amor, comumente o enciumado tende a se sentir inseguro, hostil, angustiado e intolerante, o que, por conseguinte, tende a interferir na dinâmica da relação conjugal. (LEVY; GOMES, 2011)

No entanto, o discurso de que o ciúme é sinônimo de amor, introjetado no sujeito desde a mais tênue infância e (re) afirmado culturalmente em nossa sociedade, traz para aquele que experimenta um sentimento uma carga excessiva de sofrimentos. Entre eles, o psíquico e esse, por sua vez, diante de uma ameaça de perda real ou imaginária de alguém tão valorizado induz o sujeito as mais variadas condutas agressivas. Cavalcante (1997, p.24) esclarece que:

Essa insegurança que o ciúme gera teria por base os processos de idealização. O amoroso criaria uma imagem do amado, nem sempre fundamentada no real. Se começa a não existir uma correspondência dessa idealização, a desconfiança e o ciúme se instalam.

Dunker (1996), em conformidade com Cavalcante (1997), vai além ao expor que o ciumento busca reter, dominar, dispor o objeto de amor, no caso em tela, Desdêmona. De modo, a garantir que ele - Otelo, seja o único endereçado ao amor de sua esposa. Nota-se que aqui não há de se ter um terceiro na relação; caso haja a suspeita de um terceiro se está às voltas de uma ideia fixa em que a cena fantasmática da traição se inaugura, fazendo com que o ciumento passe a acreditar veemente acerca da infidelidade de seu objeto de amor, uma vez que o amor do ciumento já não é mais a equivalência daquilo que lhe completa, já não mais é o objeto que unifica os seres que se amam, mas sim o contrário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer desse estudo apresentou-se a discussão sobre o ciúme nas relações amorosas, sendo aqui apresentada na obra shakespeariana de “Otelo: o mouro de Veneza”, trazendo a suposição de que a realidade acompanha a ficção na medida em que o ciúme é bastante circular nas relações de violência conjugal. Privilegiou-se, ainda, dar notoriedade ao assassinato de Desdêmona como se observa em alguns dos fragmentos da obra, destacando-se os aspectos subjetivos que se enlaçam nas relações amorosas em função do ciúme. Em especial, na cena final, que explica não tão somente os ciúmes delirantes de Otelo para com sua amada, mas também as consequências últimas desse afeto.

Diante desse painel, na revisão bibliográfica foram utilizados textos freudianos, lacanianos e comentadores, assim como alguns autores da psicologia jurídica e o próprio arcabouço literário de Shakespeare para se analisar e fundamentar a temática em questão. Ao estabelecer esse diálogo, da psicanálise com a literatura, emerge, a

partir desses, um recurso a mais a ser explorado, a fim de compreender as manifestações do inconsciente acerca do ciúme delirante.

A partir de então, pôde-se conjecturar que nas relações primevas entre mãe e bebê é que se inaugura as primeiras manifestações do ciúme, pois nessa o infante se vê diante de uma dicotomia: se enamorar pela mãe e perder o pênis, ou tomar o pai como rival, e renunciar a relação, pretensamente, incestuosa com a mãe. Logo se percebe que o ciúme na obra freudiana tem sua angústia central na Castração, sendo a partir daí que todo sujeito se vê confrontado a um dado limite, metaforicamente expressa pela perda do pênis no real do corpo.

Percebe-se, assim, que no ciumento parece ter sido atravessado por uma não aceitação da perda do amor primordial, sendo insuportável para ele este terceiro na relação. E em consonância faz com que o sujeito na vida adulta reviva tais situações edípicas nas suas relações amorosas, sendo assim, este tenderá ir em busca de relações em que o parceiro possa vir a se assemelhar com seu próprio ego, na ânsia de reviver a onipotência narcísica, a saber, o enlace entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais.

Após estudar mais profundamente acerca do ciúme, Freud (1922) cita algumas formas da manifestação desse afeto, sendo exposto de maneira breve no transcórre do texto, evidenciando nesse trabalho o ciúme delirante, como aquele manifestado por Otelo na obra literária, e por fim, se utiliza dos escritos: "O mal-estar na cultura" (1930), no qual o autor afirma que para além, do ciúme primordial há também um desamparo que é inerente à condição humana e que faz com que o sujeito busque incessantemente ir em busca da felicidade plena com intuito de afastar de si quaisquer sofrimentos. Utilizando-se desse artifício para tamponar a angústia sentida pelo desamparo das primeiras relações amorosas.

Conclui-se que, no transcórre desse estudo, se privilegiou expor sobre a temática do ciúme, amparados pelo saber psicanalítico e literário e buscou-se compreender que as relações humanas na realidade não se diferem daquilo que os poetas expressam em suas obras. Portanto, os estudos psicanalíticos são cabíveis também nas interpretações e nas produções artísticas. Faz-se crer, inclusive, que tais interpretações literárias dão vazão ao inconsciente no processo da criação artística.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cristiane da Silva Vieira. 2010. Violência doméstica contra as mulheres e suas configurações. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. CURSO DE PSICOLOGIA. Criciúma. Santa Catarina. 28 de junho de 2010. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000044/0000441D.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- ARREGUY, Marília Etienne; GARCIA, Claudia Amorim. 2008. Algumas aproximações entre o ciúme, a melancolia e o masoquismo. *Psicologia em Revista*, v. 8, n. 11, p. 111-122, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/viewFile/142/136>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- AMORETTI, R. 1992. Bases para a leitura da violência. In: AMORETTI R. (Org.). *Psicanálise e Violência*. Petrópolis: Vozes.
- CAVALCANTE, Antônio. Mourão. 1997. *O ciúme patológico*. Rio de Janeiro: Record. Rosa Tempos, 1997.
- COUTO, L. F. S. Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. 2010. In: NETO, F. K., MOREIRA, J. O. (Orgs.). *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*. Barbacena MG: EdUEMG, p. 59-76, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. 2003. Ética, política e violência. In: T. Camacho (Ed.), *Ensaio sobre violência* (pp. 39-59). Vitória: Edufes.
- CHERON, Cibele. & SEVERO. Elena. Erling. 2010. Apanhar ou Passar Fome? A difícil relação entre Dependência Financeira e Violência em Porto Alegre, RS. Em: *Anais eletrônicos [recurso eletrônico] [do] Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Fazendo Gênero 9*. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br>>. Acesso em: 02 fev. 2017.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. 1996. *O Ciúme e as Formas Paranóicas do Amor: consumidos pelos ciúmes*. Viver Psicologia. São Paulo, v.36, 1996.
- FREITAS, Luiz A. Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura. 2004. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2004.
- FREUD, Sigmund. 1912-1913. Totem e tabu. In: _____. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 15-155. (Obras completas, 11).
- _____. 1905. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição Standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII.
- _____. 1922. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 269-281. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- _____. 1920-1923. Psicologia das massas e análise do eu. In: _____. *Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade (1923)*. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 209-224. (Obras completas, 15).

Violência Conjugal e Ciúme Numa Perspectiva Psicanalítica a Partir De ‘Otelo – O Mouro de Veneza’

_____. 1914-1916. Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 14-50. (Obras completas, 12).

_____. 1908. Escritores criativos e devaneio. In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. IX.

_____. 1924. O Problema econômico do masoquismo. In: _____. O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 184-202. (Obras completas, 16).

_____. 1939. Um exemplo de trabalho psicanalítico. In: _____. Obras completas, v.23: Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939). Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago, 2011. Cap. 7. p.123-131.

LACAN, J., citado por BRASIL, Hórus Vital. 1992. Dois ensaios entre psicanálise e literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 25.

LEBRUN, Jean Pierre. Incidências da mutação do laço social sobre a educação. 2004. p. 313. In: Gediel, José Antônio e Mercer, Vânia Regina (Org.) Violência, paixão & discursos. Tradução: Germaine Mandel. Porto Alegre, CMC, 2008.

LEVY, Lidia; GOMES, Isabel Cristina. 2011. Relações amorosas: rupturas e elaborações. Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 45-57, jun. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

MALLMANN, Cleo José. 2015. Ciúmes: do normal ao patológico. Estud. Psicanal. n.43, p. 43-49. ISSN 0100-3437. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em: 09 fev.2017.

NICOLAU, Roseane Freitas. 2001. Corpo e gozo: a linha. Revista de Psicanálise do entreato, Fortaleza, v. 2, 2001.

OLIVEIRA, Anna Paula Garcia; Cavalcanti, Vanessa Ribeiro Simon. 2007. Violência doméstica na perspectiva de gênero e políticas públicas. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum. v.17 n.1. São Paulo. abril de 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000100005>. Acesso em: 12 fev.2017.

SANTANA, Ana Lucia. William Shakespeare. <https://www.infoescola.com/biografias/william-shakespeare/> Acesso em: 03 fev.2017.

SHAKESPEARE, William. Otelo: o mouro de Veneza. Edição: Ridendo Castigat Mores. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/otelo.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

SOARES, Thiago Damascena de Oliveira Pereira. 2007. Ciúme na Psicanálise e na Literatura. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Faculdade de Ciências da Saúde – FACS. Curso de Psicologia. Brasília. Dezembro de 2007. p.14. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3028/2/20311598.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

CONJUGAL VIOLENCE AND SCIENCE IN A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE FROM 'OTELLO – THE MOURO OF VENICE'

ABSTRACT

In the present study, we intend to analyze the issues that permeate marital violence, based on the Shakespearean work, especially regarding the theme of the jealousy of Othello by his wife Desdemona, and its interface with the Freudian work. And it is from this point of view that one seeks to conceptualize conjugal violence in articulation with psychoanalytic concepts, so that one can then investigate the subjective aspects that are intertwined in the amorous relationship in which the woman is attacked by her partner in function of an affection like jealousy. At the end, it is noted that Othello believes in the alleged infidelity of his wife. His jealousy consumes his sanity, making him build a delirious process that leads him to kill his object of love.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Literature. Jealousy. Conjugal violence. Woman.

LA VIOLENCE CONJUGALE ET LA SCIENCE DANS UNE PERSPECTIVE PSYCHANALYTIQUE DE 'OTELLO – O MOURO DE VENEZA'

RÉSUMÉ

Dans la présente étude, nous avons l'intention d'analyser les problèmes qui imprègnent la violence conjugale, basés sur le travail shakespearien, en particulier sur le thème de la jalousie d'Othello par son épouse Desdemona et son interface avec l'œuvre freudienne. Et c'est de ce point de vue que l'on cherche à conceptualiser la violence conjugale en articulation avec les concepts psychanalytiques, afin de pouvoir étudier les aspects subjectifs qui s'entremêlent dans la relation amoureuse où la femme est attaquée par son partenaire en fonction d'une affection comme la jalousie. À la fin, il est noté que Othello croit en l'infidélité alléguée de sa femme. Sa jalousie consume sa santé mentale, lui faisant construire un processus délirant qui le conduit à tuer son objet d'amour.

MOTS-CLÉS: Psychanalyse. Littérature La jalousie. Violence conjugale Femmes.

Recebido em: 15-01-2018

Aprovado em: 28-02-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php